

---

**O SILÊNCIO DAS MULHERES:  
UMA ANÁLISE DE DUAS PERSONAGENS FEMININAS EM  
EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, DE JOSÉ SARAMAGO**  
Women's Silence: An Analysis of Two Female Characters in *Evangelho Segundo Jesus Cristo* (Gospel According to Jesus Christ), by José Saramago

Sérgio Henrique Rocha Batista<sup>11</sup>

**RESUMO:** Este artigo, advindo da expansão de parte da tese de doutoramento do autor, tenta analisar duas personagens femininas do romance *Evangelho segundo Jesus Cristo*, do escritor português José Saramago. Tal romance, considerado por alguns como um clássico moderno, possui uma visão bastante específica do feminino e da forma como ele foi perseguido pela sociedade e pela religião institucionalizada, apresentando, através da ficcionalização, um comentário sobre o lugar da mulher na religião cristã, principalmente a de vertente católica, e como isso influenciou o trato das mulheres hoje. Para realizar tal análise a obra será lida sob a luz de autores que auxiliarão seu entendimento. Espera-se que, ao fim deste artigo, seja possível entender melhor a posição do romance dentro do debate sobre história da mulher na arte e na cultura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teopoética; Representação feminina; Literatura portuguesa; José Saramago.

**ABSTRACT:** This article, coming from the expansion of part of the doctoral thesis of its author, tries to analyze two female characters of the novel *Evangelho segundo Jesus Cristo* (Gospel According to Jesus Christ), by Portuguese writer José Saramago. Such a novel, considered by some as a modern classic, has a rather specific view of the feminine and the way it has been oppressed by both society and institutionalized religion; therefore presenting, through fictionalization, a commentary on the place of women in the Christian religion, especially in the Catholic Church, and how it has influenced the treatment of women today. In order to carry out

---

<sup>11</sup>Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT/Coxim)

such an analysis, the work will be read under the light of authors who will aid its understanding. It is hoped that, at the end of this article, it will be possible to better understand the position of the novel within the debate on the history of women in art and culture.

**KEYWORDS:** Theopoetics; Feminine Representation; Portuguese Literature; José Saramago.

A partir da segunda metade do século XX, o feminismo, movimento que pautava a igualdade política entre homens e mulheres, passa por uma mudança de rumos. Tendo, pelo menos nos EUA e Europa Ocidental, conseguido alcançar legalmente suas principais reivindicações, algumas intelectuais, a partir de discussões sobre feminilidade, passam a questionar a forma como a diferença entre homens e mulheres é naturalizada em detrimento da mulher, numa cultura em que o masculino é visto como, de alguma forma, superior. De fato, poucos negariam a hegemonia masculina na cultura da época, e os discursos legitimadores de tal hegemonia se confundem com os de várias das principais instituições existentes então, entre elas a religião cristã.

Como consequência, iniciou-se um processo de estudo, teorização, crítica e denúncia dos discursos de inferiorização da mulher que dura até hoje e que tem iluminado vários aspectos da história do pensamento e da cultura, além de influenciar várias obras elaboradas já a partir dessa ótica. Este artigo deseja, se possível, juntar-se a tamanho esforço, embora reconheça que seu escopo é pequeno diante de todo trabalho que já foi feito e do que ainda há para se fazer. Assim, a intenção aqui é analisar como um autor, em um país que não possuía centralidade no debate feminista, pode desafiar a cultura predominante em sua tarefa de escrever personagens femininas.

Esse autor em questão é José Saramago (1922-2010), primeiro lusófono a receber o prêmio Nobel de literatura e cujos romances têm se tornado crescentemente relevantes dentro do contexto cultural. Aqueles publicados na década de 1980, pertencentes à dita fase da estátua, trazem personagens complexos, lidando com a solidão das relações humanas, violentas com vislumbres de ternura, e com as incertezas das relações de sentido, produtoras de abismos e esperanças. As personagens femininas ocupam um lugar de destaque, incitando uma discussão que ecoa as novas preocupações do feminismo discutidas anteriormente.

Em um desses romances, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, há duas personagens femininas que induzem não apenas a reflexão sobre o papel da mulher na modernidade, mas também dentro da tradição cristã, que possui uma relação opressiva e complexa com o gênero feminino. As mulheres, durante boa parte da história das nações da bacia do Mediterrâneo, foram tratadas como cidadãos de segunda classe, tanto pelas instituições estabelecidas quanto pelas hábitos que elas instauravam. A Igreja Católica viu a mulher como a representação do mal e do pecado na Terra, e tentou, por todas as formas, associá-la ao mal. E não se deve pensar que tal opressão perdurou apenas durante a idade média. Pelo contrário, como constata a historiadora Silvia Federici, o capitalismo se desenvolveu a partir de um redobrado ataque ao papel das mulheres na sociedade:

Este processo [de acumulação do capital para a criação do capitalismo] demandou a transformação do corpo em uma máquina de trabalho e a sujeição das mulheres para a reprodução da força de trabalho. Principalmente, exigiu a destruição do poder das mulheres, que, tanto na Europa como na América, foi alcançada por meio do extermínio das “bruxas”; [...] A acumulação primitiva não foi, então, simplesmente uma acumulação e uma concentração de trabalhadores exploráveis e de capital. Foi também uma acumulação de diferenças e divisões dentro da classe trabalhadora, em que as hierarquias construídas sobre o gênero, assim como sobre a “raça” e a idade, se tornaram constitutivas da dominação de classe e da formação do proletariado moderno. (FEDERICI, 2017, p. 119)

Recentemente, através da luta de muitas atrizes e atores, a sociedade passou a questionar o papel a que foram relegadas as mulheres. As discussões suscitadas pelo feminismo tornaram possível começar a pensar no quanto as mulheres foram deixadas de lado pela história oficial, tendo qualquer espécie de protagonismo suprimido. Surgiu, assim, um movimento que se propunha a resgatar o papel e a visão feminina, bem como a de outros grupos apagados pela história e, para isso, a literatura se apresentou como um lugar de

excelência para tais discussões. Saramago é um dos autores que se utilizam da metaficção historiográfica, o nome dado a esse resgate do ponto de vista minoritário em romances históricos. Em suas obras vê-se uma genuína vontade de assumir o ponto de vista esquecido da história, de investigar o mundo do pequeno, do excluído, daquele que não teve voz. *Evangelho segundo Jesus Cristo*<sup>2</sup> propõe contar a história do nascimento, vida e morte de Jesus de um ponto de vista mais humano e, também, mais envolvido com a metaficção historiográfica.

Não há, ali, o apagamento da figura divina ou do mito da encarnação, mas sua sujeição a critérios contemporâneos de análise e pensamento. Cristo ainda é o filho de Deus enviado à Terra para que sua morte sirva de estandarte à Igreja que seu Pai quer ver fundada. Contudo, o que a humanidade merecedora desse sacrifício representa é radicalmente ressignificado através dos olhares dos mais fracos, entre os quais encontram-se as mulheres. Este artigo irá, pois, analisar como Saramago, em EJC, se utiliza da metaficção historiográfica para, através das personagens Maria, Mãe de Jesus e Maria Magdalena, traçar a forma como a sociedade e a religião trataram seus membros femininos; ao longo dessa análise pretende-se também descobrir se a nova visão que se propõe a ser lançada sobre as mulheres torna a obra verdadeiramente diferente, respondendo à crítica feminista para além do mero comentário.

O capítulo inaugural do romance, ao invés de iniciar a narração, começa descrevendo uma xilogravura de Dührer representando a cena da crucificação de Cristo. A descrição caminha lentamente, analisando cada uma de suas partes com estranhamento, sem deixar de reconhecer que o estranhamento aqui é difícil, visto que essa história é por demais conhecida na tradição ocidental, ao ponto de que cada um dos pequenos detalhes sobre esses personagens ajuda a identificá-los facilmente. O narrador presume qual seja o bom ladrão por uma série de detalhes, entre os quais os cabelos encaracolados, aludindo, mesmo que inconscientemente, à tendência da renascença de pintar santos e anjos dessa forma; um outro, mais novo e em quem o narrador imagina ver lábios trêmulos, é João, tipicamente imaginado de maneira mais associada ao feminino; em Maria Madalena, a única das

---

<sup>2</sup>Seguindo um uso consagrado por importantes pesquisadores saramaguianos, doravante o nome deste romance será abreviado como “EJC”.

mulheres a olhar para o crucificado e não para o chão, o narrador pensa ver indícios de cabelos louros, impossível numa xilogravura.

mas estes têm todo o ar de serem louros, se não foi pura casualidade a diferença do traço, mais leve neste caso e deixando espaços vazios no sentido das madeixas, o que, obviamente, serviu ao gravador para aclarar o tom geral da cabeleira representada. Com tais razões não pretendemos afirmar que Maria Madalena tivesse sido, de facto, loura, apenas no estamos conformando com a corrente de opinião maioritária que insiste em ver nas louras, tanto as de natureza como as de tinta, os mais eficazes instrumentos de pecado e perdição. (SARAMAGO, 1999, p. 16)

É possível identificar na atitude do narrador uma postura em relação ao problema de identificar como nossas leituras são influenciadas pelo ambiente cultural com seus sutis, porém inescapáveis, parâmetros, desnudando-os com um mero comentário do narrador, o que é uma das características mais marcantes de Saramago e que o faz ser tão popular entre os leitores. No presente caso, seu narrador deixa transparecer o que ele percebe ser uma crença geral de que mulheres louras seriam mais cobiçáveis e, portanto, mais aptas a atrair o homem para a perdição. Esse é só um exemplo da dicção saramaguiana, que está, no presente romance, disposta a desconstruir as ideias históricas sobre a vida de Cristo, como se anuncia logo no primeiro capítulo. Tal desconstrução é o motor de EJC, o qual Ferraz (2012) denominou um “desevangelho”, tamanha é a intenção de subverter aspectos do evangelho herdado.

Logo no segundo capítulo, a obra põe em questão a concepção virginal de Jesus, um dos temas mais importantes da cristologia tradicional, atestada pelos evangelistas Mateus e Lucas, já que marca a sobrenaturalidade do advento de Cristo, agora já próximo do nascimento de diversos deuses e heróis mitológicos também com uma mãe virgem. A antemanhã da concepção de Jesus é descrita por Saramago do ponto de vista de José, que habitava com sua mulher em um casebre pobre e simples, do tipo que foi muito comum em zonas rurais do mundo todo, inclusive no Brasil.

A ambientação do romance parece seguir duas orientações, sendo a primeira o foco no que é simples e comum. Os personagens do evangelho são representados como pessoas de poucas condições materiais, resgatando um lugar comum caro a Saramago, o do resgate do ponto de vista do inferior, do esquecido pela história. Com a queda das grandes narrativas durante o pós-modernismo, houve um renovado interesse no pequeno, no que foi esquecido pela história; no caso de EJC, o pobre (que, a bem da verdade, sempre possui presença desde o século XIX) e a mulher.

A segunda orientação da ambientação de EJC é o uso da religiosidade e misticismo dos judeus do primeiro século. A obra pretende adentrar a Palestina Romana através dos olhos de seus personagens, como, por exemplo, José considerando se a alma de Maria, que como todas as outras sai do corpo durante o sono, já teria retornado; às vezes o narrador arranja as crenças de tal maneira a criar um jogo irônico com as expectativas de seu leitor implícito<sup>3</sup>:

José sentou-se na esteira, afastou o lençol, e nesse momento o galo cantou segunda vez, lembrando-lhe que se encontrava em falta de uma bênção, aquela que se deve à parte de méritos que ao galo coube quando da distribuição que deles fez o Criador pelas suas criaturas, Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que deste ao galo inteligência para distinguir o dia da noite, isto disse José, e o galo cantou terceira vez. [...] José aproximou-se da talha das abluções, inclinou-a, fez correr a água sobre as mãos, e depois, enquanto as enxugava na própria túnica, louvou a Deus por, em sua sabedoria infinita, ter formado e criado no homem os orifícios e vasos que lhe são necessários à vida, que se um deles se fechasse ou abrisse, não devendo, certa teria o homem a sua morte. [...] Enquanto ela puxava para baixo a túnica e se cobria com o lençol, tapando depois a cara com o antebraço, ele, de pé no meio da casa, de mãos levantadas, olhando o teto, pronunciou aquela sobre todas

---

<sup>3</sup>Saramago introduz as falas de seus personagens com uma vírgula seguida da letra maiúscula. Neste artigo serão adicionados, entre colchetes, informações sobre quem está falando sempre que for necessário para a melhor compreensão do texto.

terrível bênção, aos homens reservada, Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, por não me teres feito mulher. [...] Apenas, pela primeira vez, se ouviu Maria, e humildemente dizia, como de mulheres se espera que seja sempre a voz, Louvado sejas tu, Senhor, que me fizeste conforme a tua vontade, ora entre estas palavras e as outras, conhecidas e aclamadas, não há diferença nenhuma, repare-se, Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra, está patente que quem disse isto podia, afinal, ter dito aquilo. (SARAMAGO, 1999, p. 23, 24 e 27)

Esse é o segundo capítulo, logo após o prólogo que descreve a xilogravura. O romance abre com José e Maria concebendo Jesus, e a cena escolhida é a de um dia cotidiano, com dois seres humanos entoando suas preces cotidianas, algo que se repetirá ao longo da obra: a humanidade está em evidência em EJC, quase toda ela justa e piedosa, se esforçando ao máximo para agradar a Deus. A obra repete constantemente essas bênçãos e os louvores que aquela sociedade oferece ao seu Senhor, enfatizando uma sensação que perdurará ao longo de toda a obra: a de que o homem busca a Deus, porém Dele não obtém resposta alguma fazendo seu máximo para agradar um Deus que, inicialmente, parece não se importar. A esse fenômeno a pesquisadora Salma Ferraz chama de uma antiteodiceia<sup>4</sup>.

Ainda na citação acima está exemplificado outro ponto de interesse do livro: se no mundo dos humanos há um anseio pela justiça e piedade, dentro deste há uma hierarquia radicalmente injusta, embora instaurada em nome do próprio Deus. Trata-se, é claro, da divisão vertical entre homens e mulheres, que a citação lembra ao fazer José agradecer a Deus por não ter nascido mulher, num claro e chocante lembrete do machismo inerente a essa e outras práticas religiosas que virão a dominar a cultura ocidental, completamente alheias ao sofrimento que causarão à metade da população.

Para a Igreja Católica o mistério do advento, o momento em que Deus se fez carne para salvar os homens, é celebrado não só com a anunciação em si mas também com a aceitação dele por parte de Maria, que

---

<sup>4</sup>Em teologia, teodiceia refere-se, de maneira simples, à defesa da bondade de Deus quando indagada perante a constatação de que Ele permitiu que houvesse o Mal no mundo por Ele criado.

no catolicismo recebe a chamada hiperdulia, a maior de todas as venerações. Nos séculos XIX e XX tornou-se dogma uma tradição milenar de que Maria foi concebida sem pecado original, permaneceu sempre virgem e foi assumpta ao céu em corpo e alma, criando para ela um verdadeiro espelho da trajetória de seu Filho, também nascido sem pecado original, também isento de faltas, também ascendido aos céus em seu corpo. Dela os católicos esperam intercessão junto de Deus para se tornarem melhores pessoas. Ela é por vezes enxergada como a segunda Eva que trouxe ao mundo a salvação que a primeira tinha tirado. Ela é, segunda a ladainha lauretana, Nossa Senhora, Mãe da Igreja, a Virgem Veneranda, a Sede de Sabedoria, a Estrela da Manhã, a Rainha dos Apóstolos.

Maria é uma das personagens mais insignes da civilização ocidental, o que é paradoxal ao se considerar o lugar que as mulheres sempre ocuparam nessa mesma sociedade, até recentemente desenfranqueadas dos direitos mais básicos, frequentemente vistas com complacência, desconfiança ou por vezes hostilidade e reservadas quase exclusivamente à sua função reprodutora, e talvez daí venha a solução desse impasse: a Igreja louva em Maria, a um tempo, sua maternidade sagrada e sua perpétua virgindade, ou seja, a torna símbolo de duas realidades que são, por ordem normal das coisas, antagônicas, porém indicativas do papel dúplice da mulher no patriarcado, por um lado indispensável para a reprodução, por outro dona de uma sexualidade temida e socialmente controlada. Assim, Maria é a mãe assexuada, flamejante modelo da pureza que se deseja para todas as mulheres, ocupante do mais alto lugar da hierarquia celeste porque simbolizou, melhor do que ninguém, aquilo que a Igreja durante séculos demandou do gênero feminino<sup>5</sup>.

Se a Maria católica é um modelo, a de Saramago é uma amostra. A Maria católica é enaltecida pelas dores advindas de seu papel de Deípara, o que encarece seus sacrifícios: ela é Mater Dolorosa, a mãe das dores, representada ora com o coração atravessado por uma (em algumas versões sete) espada, ora segurando o corpo de Jesus após a descida da cruz, exemplo de estoicismo diante dos sofrimentos da fé cristã. A Maria de Saramago é descrita como “dez réis de gente”, uma rapariguinha de dezesseis a quem não

---

<sup>5</sup>Para uma análise de como a Igreja Medieval lidou com a figura da mulher, cf. *Eva e os Padres*, de Georges Duby.

se lançaria um segundo olhar. Seus sofrimentos são genéricos, representantes daqueles pelos quais as mulheres da época presumivelmente passavam, ao ponto de que sua versão de “Faça-se em mim conforme tua palavra” é simplesmente “Louvado sejas tu, ó Senhor, que me fizeste segundo a tua vontade”. Seu gesto sacrificial não é individual, não aponta para nenhum heroísmo que guiará os homens: José e Maria são pessoas simples, sem muitas complicações intelectuais, pessoas duras e pobres, frutos de uma terra pobre e dura, representantes meramente amostrais e pouco distintos de uma humanidade perdida como ovelhas sem pastor.

Está presente na história do pensamento ocidental, principalmente após os escritos dos Pais da Igreja que somaram platonismo ao nascente cristianismo, a crença na *scala naturae*, ou seja, a disposição dos elementos da Criação em uma hierarquia que coloca alguns seres como mais perfeitos do que outros. Assim, os anjos são mais perfeitos do que os homens, que por sua vez estão acima dos animais e assim por diante. Essa também era a justificativa para a dominação da mulher pelo homem, já que se acreditava que o sexo masculino era melhor, mais intelectual, menos impuro e conspurcado do que o feminino. Em Saramago, a relação entre homens e mulheres também é hierárquica, embora essa hierarquia não se dê por alguma característica inata, mas pela normalização desse fato por parte dos personagens e das instituições, em especial os costumes e a religião.

É cruamente claro para o leitor, que o narrador do romance parece às vezes assumir o ponto de vista dos personagens, tal é sempre feito de maneira irônica, já que ele não deixa jamais de mostrar essa institucionalização do domínio masculino, doravante chamado de patriarcado, como uma profunda injustiça. No romance, por exemplo, as mulheres possuem várias tarefas árduas:

Maria trabalha como as mais mulheres, cardando, fiando e tecendo as roupas da casa, cozendo todos os santos dias o pão da família no forno doméstico, descendo à fonte para acarretar a água, depois encosta acima, pelos íngremes carreiros, um gordo cântaro à cabeça, uma infusa apoiada no quadril, e indo depois, ao cair da tarde, por esses caminhos e descampados do Senhor, a apanhar gravetos de lenha e a rapar restolhos,

levando por acrescento um cesto com que recolherá as bostas secas do gado, e também esses cardos e espinhos que abundam nas declivosas alturas de Nazaré, do melhor que Deus foi capaz de inventar para acender um lume e entrançar uma coroa<sup>6</sup>. Todo este arsenal reunido daria uma carga mais própria para ser trazida a casa no lombo do burro, não fosse a poderosa circunstância de estar a besta adstrita ao serviço de José e ao transporte das madeiras. Descalça vai Maria à fonte, descalça vai ao campo, com os seus vestidos pobres que no trabalho mais se sujam e gastam, e que é preciso estar sempre a lavar e remendar, para o marido vão os panos novos e os cuidados maiores, mulheres destas com qualquer coisa se contentam. Maria vai à sinagoga, entra pela porta lateral, que a lei impõe às mulheres, e se, é um supor, lá se encontram ela e trinta companheiras, ou mesmo todas as fêmeas de Nazaré, ou toda a população feminina da Galileia, ainda assim terão de esperar que cheguem ao menos dez homens para que o serviço do culto, em que só como passivas assistentes participarão, possa ser celebrado. Ao contrário de José, seu marido, Maria não é piedosa nem justa, porém não é sua a culpa dessas mazelas morais, a culpa é da língua que fala, senão dos homens que a inventaram, pois nela as palavras justo e piedoso, simplesmente, não têm feminino. (SARAMAGO, 1999, p. 30-31)

A mulher pobre da Galileia, da qual Maria é uma representante, encontra-se em uma situação que dela demanda trabalho constante, assim como o homem, mas suas necessidades são sempre secundárias às de seu marido: para ele vai o animal de carga, os melhores panos, os maiores cuidados, cabendo à mulher apenas contentar-se. Essa situação é reforçada pela religião daquelas pessoas, que justifica e legitima esse tratamento ao lidar com as mulheres como quase inexistentes para o serviço religioso. No

---

<sup>6</sup>Referência à coroa de espinhos que os soldados romanos como zombaria puseram sobre a cabeça de Jesus durante sua crucificação. Ao longo da obra Saramago mencionará vários elementos das escrituras ou da tradição, de maneira geral colocados fora do seu elemento sagrado, o que pode criar novos sentidos para o leitor interpretar.

episódio da anunciação, é Maria quem tem de interromper seu jantar para atender o anjo disfarçado de mendigo e é ela que tira do seu próprio prato para oferecer ao pedinte.

Após o anúncio de que ela está grávida e que os filhos brilham nos olhos da mãe, o anjo enche a vasilha de terra e devolve a Maria, mas agora a terra brilha de maneira sobrenatural. Questionada pelo marido sobre a conversa com o anjo (que havia pedido que não fosse mencionada sua natureza angélica), a resposta de Maria é apenas reafirmar os preconceitos nos quais foi criada: “Sou mulher, não sei explicar”, enquanto José reage com a desconfiança no feminino que lhe inculcaram:

Para José, como para qualquer varão daqueles tempos e lugares, era doutrina muito pertinente a que definia o mais sábio dos homens como aquele que melhor saiba pôr-se a coberto das artes e artimanhas femininas. Falar-lhes pouco e ouvi-las ainda menos e a divisa de todo o homem prudente que não tenha esquecido os avisos do rabi Josephat ben Yohanan, palavras sábias entre as que mais o sejam, À hora da morte se hão-de pedir contas ao varão por cada conversa desnecessária que tiver tido com sua mulher. Interrogou-se José sobre se esta conversa com Maria poderia ser contada no número das necessárias, e, tendo concluído que sim, tomando em consideração a singularidade do acontecimento, jurou no entanto a si mesmo não esquecer nunca as santas palavras do rabi seu homónimo [...]. (SARAMAGO, 1999, p. 36)

É no mínimo curioso o fato de EJC escolher retratar os trabalhos das mulheres logo no começo de um romance que, sobretudo, deveria contar a vida de Jesus. Há diversas formas de interpretar esse fato que vão da falta desde a tautologia do “assim é” até o simbolismo da mulher grávida com brilho nos olhos igualada à terra brilhante dentro de tão simples graal, destinadas a trazer ao mundo um homem especial e uma planta incômoda sobre cujo lenho ele, se a ilação for permitida, será crucificado. Aqui será considerada a noção de que é a mulher que traz o homem à vida, mas as religiões monoteístas não parecem reconhecer essa primazia, e o Cristianismo

em particular possui, como já mencionado acima, uma relação dúplice com o feminino, exaltando-o ao maior protagonismo possível na pessoa de Maria ao mesmo tempo que, principalmente nos primeiros treze ou quatorze séculos, mantém o restante das mulheres debaixo de um pesado jugo de costumes e preconceitos.

Desta mulher tão simples, levando tão atribulada vida, nasceu Jesus, numa cova próxima a Belém, em circunstâncias próximas ao evangelho de Lucas. Tal evangelho, temporalmente posterior, mas, dependente do de Marcos, no qual é baseado, inicia-se com diversas anedotas que parecem criar uma moldura para o advento do Cristo, aqui apresentado como o mais importante evento da história humana; tal apresentação é condizente com a intenção geralmente percebida nesse evangelho de apresentar um Cristo menos judaico, como é o de Mateus, e mais universal. Assim, não só o nascimento de Jesus, mas também daquele a quem Marcos aponta como seu precursor, João Batista, como sendo anunciados por anjos e envoltos em circunstâncias milagrosas, João concebido por pais velhos, Jesus de mãe virgem; quando nasce o filho de Maria anjos avisam pastores da região desse acontecimento. Por fim, quando José e Maria apresentam Jesus no templo, duas pessoas, Simeão e Ana, lá estavam para, movidos pelo Espírito Santo, presenciar o Salvador do mundo.

Cada um desses passos é adornado por um discurso que marca a momentosa ocasião: Maria e sua prima Isabel, Zacarias e os anjos, Simeão e Ana, todos eles têm uma proclamação a ser feita que confirma ao leitor o quão especial é Jesus. Por exemplo, considere-se o caso de Simeão:

Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão; homem este justo e piedoso que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele. Revelara-lhe o Espírito Santo que não passaria pela morte antes de ver o Cristo do Senhor. Movido pelo Espírito, foi ao templo; e, quando os pais trouxeram o menino Jesus para fazerem com ele o que a Lei ordenava, Simeão o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo: Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para

revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel. E estavam o pai e a mãe do menino admirados do que dele se dizia. Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe do menino: Eis que este menino está destinado tanto para ruína como para levantamento de muitos em Israel e para ser alvo de contradição (também uma espada traspassará a tua própria alma), para que se manifestem os pensamentos de muitos corações. (Lc. 2. 25-35)

Em EJC Simeão aparece para dar um enfoque maior ao papel divisivo do Cristo do que à construção de uma religião nova. No romance, José e Maria encontram Simeão no caminho para Belém, já que viajantes costumam se agrupar para sua maior proteção. Simeão, mais velho, faz uma questão a José para experimentar sua argumentação, questionando se os recenseadores romanos contarão ou não seu filho no evento de ele ainda não ter nascido. O debate que se segue termina com José envergonhando publicamente Simeão; como foi criado no respeito que as sociedades ancestrais têm pelos mais velhos, no dia seguinte José vai se desculpar, mas se depara com um Simeão que já não estava mais zangado, porém meditativo, tomado por uma intuição que teve durante a noite a respeito do filho de José:

Não vi coisas, foi como se, de repente, tivesse a certeza de que seria melhor que os romanos não soubessem da existência do teu filho, que dele ninguém viesse a saber nunca, e que, se tem mesmo de vir a este mundo, ao menos que nele viva sem pena nem glória [...] Nem todos [são apenas de Deus], alguns há que estão divididos entre Deus e o Demônio, Como sabê-lo, Se a lei não tivesse feito calar as mulheres para todo o sempre, talvez elas, porque inventaram aquele primeiro pecado de que todos os mais nasceram, soubessem dizer-nos o que nos falta saber, Quê, Que partes divina e demoníaca as compõem, que espécie de humanidade transportam dentro de si, Não te compreendo, pareceu-me que estavas falando do meu filho, Não falava do teu filho, falava das mulheres e de como geram os seres que somos, se não será por vontade delas, se é que o

sabem, que cada um de nós é este pouco e este muito, esta bondade e esta maldade, esta paz e esta guerra, revolta e mansidão. (SARAMAGO, 1999, p. 64-65)

Simeão, movido por algum espírito, talvez, como foi sua contraparte bíblica, sabe que a chegada de Jesus pode prenunciar desgraça para muitos, mas parece não ver nenhum dos sinais positivos; elaborando mais, ele reconhece que algumas pessoas pertencem não só a Deus, mas também ao Diabo, sendo um segredo para os homens sua real natureza; o reconhecimento de que talvez as mulheres tenham a chave desse segredo pode ser interpretado como uma reminiscência do pecado original, o qual os cristãos acreditam ser passado hereditariamente desde Adão e Eva. A intuição de Simeão o leva a crer que talvez as profundezas da relação do homem com Deus, bem como com suas próprias partes constitutivas, seja parte de um mistério mantido fora das preocupações habituais somente através das leis e costumes, aquelas que calaram de vez a fonte da vida que são as mulheres.

lembramo-nos de que tudo isto [as dores do parto de Maria e o nascimento de Jesus] é sujo e impuro, desde a fecundação ao nascimento, aquele terrífico sexo da mulher, vórtice e abismo, sede de todos os males do mundo, o interior labiríntico, o sangue e as humidades, os corrimentos, o rebentar das águas, as repugnantes secundinas, meu Deus, por que quiseste que os teus filhos dilectos, os homens, nascessem da imundície, quando bem melhor fora, para ti e para nós, que os tivesses feito de luz e transparência, ontem, hoje e amanhã, o primeiro, o do meio e o último, e assim igual para todos, sem diferença entre nobres e plebeus, entre reis e carpinteiros, apenas colocarias um sinal assustador naqueles que, crescendo, estivessem destinados a tornar-se, sem remédio, imundos. (SARAMAGO, 1999, p. 78)

O narrador assume ironicamente, no trecho acima, postura semelhante à de Simeão, ao desconfiar das mulheres, dessa vez explicitando melhor qual é o problema delas: sua corporalidade. Elas prendem o homem,

ente racional, espírito moralmente obrigado perante Deus, ao mundo material, casa de desejos carnavais perigosos. No Antigo Testamento, o adultério, apenas como parco exemplo, é citado por vezes ao lado do assassinato e do furto como pecados particularmente severos, talvez devido ao seu alto potencial de disrupção social, algo sério numa sociedade pastoril cercada de inimigos. Já no Novo Testamento todas as regras sexuais da lei mosaica são potencializadas e internalizadas. O próprio Jesus diz no Sermão do Monte:

Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno. (Mt. 5, 27-30)

Todos esses fatos apontam para uma tradição religiosa da qual Saramago está extremamente cômico durante a escrita de seu romance e que cuja devida apreciação se torna necessária para capturar o sentido total de EJC. E não se pode pensar que só no mundo antigo a mulher era imaginada dessa maneira. Há diversas instâncias de pensamentos francamente misóginos na era moderna. Considere-se Freud, por exemplo, o pai da psicanálise moderna, escrevendo em seu *O mal estar na civilização*:

Depois são as mulheres que contrariam a corrente da civilização e exercem a sua influência refreadora e retardadora, elas, que no início estabeleceram o fundamento da civilização através das exigências de seu amor. As mulheres representam os interesses da família e da vida sexual; o trabalho da cultura tornou-se cada vez mais assunto dos homens; coloca-lhes tarefas sempre mais difíceis, obriga-os a sublimações instintuais de que as mulheres não são muito capazes. Como um indivíduo não dispõe de quantidades ilimitadas de energia psíquica, tem que dar conta de suas tarefas mediante uma

adequada distribuição da libido. Aquilo que gasta para fins culturais, retira na maior parte das mulheres e da vida sexual: a assídua convivência com homens, a sua dependência das relações com eles o alienam inclusive de seus deveres com marido e pai. Então a mulher se vê relegada a segundo plano pelas solicitações da cultura, e adota uma atitude hostil frente a ela. (FREUD, 2013, p. 67)

A citação acima serve para mais do que apenas exemplo de desconfiança em relação ao feminino. Ela ilustra a ideia freudiana, desenvolvida nesse e em outros textos, de que a civilização é criada através da sublimação dos instintos sexuais e destrutivos, ou, mais corretamente, ela existe às custas da busca do prazer pelo indivíduo, já que, se este se pusesse a agir sempre da maneira que quer, entraria em conflito com seu vizinho imediatamente. Para se assegurar que os membros de uma sociedade agirão em benefício coletivo e não próprio uma série de defesas, dentre elas a religião, que, através da submissão incondicional, mantém as massas num estado de infantilismo psíquico graças à sua técnica, que “consiste em rebaixar o valor da vida e deformar delirantemente a imagem do mundo real, o que tem por pressuposto a intimidação da inteligência” (FREUD, 2013, p. 42).

Freud possui, portanto, uma teoria da civilização como algo a ser construído, grosso modo, em detrimento dos desejos do indivíduo, e isso não parece muito distante daquilo que Saramago desenhou nas primeiras páginas de EJC, fato entendível ao considerar que o ambiente intelectual da primeira e do começo da segunda metade do século XX eram profundamente influenciados pela psicanálise. Contudo, a opinião que os personagens demonstram sobre as mulheres é, obviamente, assumida por Saramago de maneira irônica, ela, em sua obra, realça a dor e a subalternidade dessas personagens, confirmando a visão feminista sobre o lugar que foi dado ao feminino.

Essa postura irônica do narrador em relação à inferioridade das mulheres, ao se analisar as principais personagens femininas do romance, percebe-se que é, na verdade, um esforço de supercompensação, no qual elas aparecem muito melhores do que aqueles que as circundam. E, curiosamente,

essas personagens são Maria, a mãe de Jesus, e Maria, sua companheira, a que nós conhecemos por Magdalena. Por aí é possível perceber que, apesar de ocuparem um lugar de destaque no romance, as mulheres ainda ladeiam a história do homem central, a ele devotam sua importância e dele nasce, ultimamente, seu valor.

O papel que lhes cabe é aquele que acima discutimos como a dualidade básica da mulher, ser ora mãe, ora parceira sexual, papéis, aliás, que o cristianismo se esforçou por manter separados, como se um anátema se interpusesse na sexualidade humana, e essa fosse alcançável unicamente através da mulher. De fato, a analista junguiana Nancy Qualls-Corbett, em uma obra na qual analisa o arquétipo da prostituta sagrada, declara, ao falar sobre a instauração do cristianismo:

Em nome do Senhor o homem começou a destruir todos os vestígios da deusa e de sua defesa da felicidade sexual. O amor passou a ser dissociado do corpo para que os seres humanos pudessem alcançar união puramente espiritual com Deus. Os primeiros Padres da Igreja cristã, a fim de não comprometerem a segurança de uma religião masculina e monoteísta, reprimiam fortemente qualquer associação com a deusa em doutrinas da Igreja. (QUALLS-CORBETT, 1990, p. 55)

Um dos melhores exemplos disso é o que foi feito à figura de Maria Madalena. No Novo Testamento são mencionadas, em diferentes passagens, algumas mulheres que tiveram algum tipo de contato com Jesus: uma adúltera arrependida, Maria, irmã de Lázaro, e Maria Madalena, de quem Jesus havia expulsado demônios. A Igreja Romana fundiu essas três personagens em uma só, garantindo que a imaginação popular visse como mera ex-prostituta alguém que, anteriormente, chegou a figurar em um evangelho<sup>7</sup> como a mais aplicada discípula de Jesus, animando o restante dos seguidores e sendo até mesmo capaz de corrigir Pedro em uma ocasião. Para Qualls-Corbett, “a repressão da sexualidade pelo pai cristão manipulou a

---

<sup>7</sup>Trata-se de um texto descoberto no século XIX e comumente denominado “Evangelho de Maria Madalena”. É considerado por virtualmente todas as Igrejas Cristãs como se tratando de uma obra que não possui inspiração divina e, portanto, não deve estar na Bíblia.

imagem de maneira que Maria Madalena fosse vista como penitente, renunciando à sua sexualidade” (1990, p. 194).

É essa Madalena da tradição, vista como uma prostituta, que Saramago vai recuperar em seu romance. Ele mantém a visão padrão dela como uma prostituta, mas se recusa a apresentá-la como arrependida de qualquer coisa. Ela inicia Jesus sexualmente e, depois de oito dias juntos, decide deixar de lado sua vida como prostituta; o texto dá a entender que, apaixonada por Jesus, ela decide abandonar sua vida antiga para que ele se sinta mais confortável para confiar nela e, também, porque agora que o ama, ela está sempre ocupada com um homem e não pode atender a outro.

Madalena, contudo, ainda parece um tanto influenciada pela fantasia masculina. Sua função primordial no romance é introduzir Jesus à vida adulta, e faz isso na condição de uma “prostituta de coração de ouro”, com quase nenhuma história pregressa ou vontade própria, sem personalidade que não seja aceitar e amar o protagonista, servir de inspiração para seus mais nobres sentimentos e aceitar, passivamente, o papel de confidente. A relação de Maria e José ainda trazia ao romance um forte questionamento, visto que o silêncio estóico de uma e a naturalização religiosa do outro falavam volumes sobre as relações entre homens e mulheres e o papel da religião nisso. Mas quando EJC passa a contar a história do ministério de Jesus, a questão do lugar da mulher dá espaço para outras, enquanto a condição da personagem feminina principal é colocada num papel menos proeminente, embora ainda haja momentos como este:

[Jesus perguntou:] E como podes saber tu que me esperam coisas terríveis, [e Madalena respondeu] Não sei nada de Deus, a não ser que tão assustadoras devem ser as suas preferências como os seus desprezos, Onde foste buscar tão estranha ideia, Terias de ser mulher para saberes o que significa viver com o desprezo de Deus, e agora vais ter de ser muito mais que um homem para viveres e morreres como seu eleito, Queres assustar-me, Vou-te contar um sonho que tive, uma noite apareceu-me em sonho um menino, de repente apareceu vindo de parte nenhuma, apareceu e disse Deus é medonho. (SARAMAGO, 1999, p. 309)

No trecho acima, é lembrada a situação das mulheres de acordo com a visão tradicional do cristianismo, que as opôs à santidade e as vê como um risco para o homem de bem. Contudo há também ali o reconhecimento do sofrimento pelo qual Jesus vai passar, já que é ele que a história retrata; o texto, assim, tenta fazer uma conexão entre a condição de pária da mulher e a do Filho de Deus. Tal conexão pode parecer um pouco forçada até que se chegue ao famoso capítulo no qual Jesus encontra-se com Deus e todo o plano da fundação de uma nova religião é revelado: Deus deseja alargar sua grei e conquistar mais pessoas. Para isso, houve por bem ter um Filho que irá morrer na cruz para que seus seguidores, tomados de piedade, fundem uma nova Igreja.

E da revelação desse plano há apenas um pedido de Jesus: saber o que acontecerá com a humanidade, em que acarretará a fundação dessa Igreja. A resposta, de várias páginas, pode ser resumida nos trechos abaixo:

Pois bem, edificar-se-á a assembleia de que te falei, mas os caboucos dela, para ficarem bem firmes, haverão de ser cavados na carne, e os seus alicerces compostos de um cimento de renúncias, lágrimas, dores, torturas, de todas as mortes imagináveis hoje e outras que só no futuro serão conhecidas [...]. Também ofenderão o corpo com dor e sangue e porcaria, e outras muitas penitências, usando cilícios e praticando flagelações [...]. Observa como há, no que ele tem vindo a contar, duas maneiras de perder-se a vida, uma pelo martírio, outra pela renúncia, não bastava terem de morrer quando lhes chegasse a hora, ainda é preciso que, de uma maneira ou de outra, corram ao encontro dela, crucificados, estripados, degolados, queimados, lapidados, afogados, esquarterados, estrangulados, esfolados, alanceados, escorneados, enterrados, serrados, flechados, amputados, escardeados, ou então, dentro e fora de celas, capítulos e claustros, castigando-se por terem nascido com o corpo que Deus lhes deu e sem o qual não teriam onde por a alma [...] [e disse Jesus:] Morrerão centenas de milhares de homens e mulheres, a terra encher-se-á de gritos

de dor, de uivos e rancos de agonia, o fumo dos queimados cobrirá o sol, a gordura deles rechinará sobre as brasas, o cheiro agoniará, e tudo isto será por minha culpa, Não por tua culpa, por tua causa, Pai, afasta de mim este cálice, Que tu o bebas é a condição do meu poder e da tua glória, Não quero esta glória, Mas eu quero esse poder. [...] Então o Diabo disse, É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue. (SARAMAGO, 1999, p. 381-382)

Durante quase todo o romance, Deus é uma figura oculta; em Seu nome os personagens agem, temem, oprimem e são silenciados, sem que, contudo, haja a menor indicação de que haja um Deus que se importa com tudo isso. A cena da Teofania, ou seja, da manifestação de Deus a Seu Filho, vem não só confirmar a ausência de qualquer preocupação divina com o ser humano mas também, da forma como antecipou Maria Madalena a Jesus, anunciar a dura verdade de que Deus é medonho, que ele há de devorar as pessoas e suas dores apenas para sua própria glória, como a sociedade do romance vinha fazendo com as mulheres.

Em EJC há uma percepção irônica da forma como as mulheres foram tratadas ao longo dos séculos, principalmente na figura de Maria, silenciosa, subserviente, roubada de qualquer sonho de igualdade. A ela pertence os pesados trabalhos domésticos, a ela o cuidado da casa, a ela a criação dos filhos. E sua paga é o eterno silenciamento, é comer menos, é ter lugares piores na sinagoga, é não ter direito à educação, ou a questionar o marido, ou mesmo a andar junto dele em viagens. Sua paga é ouvir todos os dias o marido orar a Deus agradecendo não ter nascido mulher.

Maria, para Saramago, é, portanto, a síntese da injustiça a que as mulheres foram submetidas durante séculos. E, como foi visto com Maria Madalena, o tratamento das mulheres é uma figuração do dado ao restante da humanidade por um Deus que com ela não se importa. Saramago soube, em seu romance, reconhecer a injustiça com que as mulheres foram tratadas, embora não tenha conseguido, como se discutiu neste artigo, dar a elas voz ou protagonismo. Seu romance, contudo, continua sendo importante e influente enquanto obra literária, além de um passo importante, mesmo que insuficiente, na percepção do silenciamento e injustiças a que o gênero

feminino foi historicamente submetido. Não se trata, aqui, de exigir que a obra de arte alcance esse ou aquele parâmetro ideológico, mas apreciá-la dentro de um movimento ideológico do qual a obra conscientemente se aproximou, a partir do qual teceu comentários, mas que, no fim, mudou pouco sua estrutura geral.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUBY, G. *Eva e os padres: Damas do século XII*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017. Trad. Coletivo Sycorax.

FERRAZ, S. *As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago*. Blumenau: Edifurb, 2012.

FREUD, S. *O mal estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Obras completas volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Trad. Paulo César de Souza.

QUALLS-CORBETT, N. *A prostituta sagrada: a face eterna do feminino*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. Trad. Isa F. Leal Ferreira.

SARAMAGO, J. *O evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Data de recebimento: 31 dez 2018

Data de aprovação: 10 maio 2019